



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 1, jan-abr 2014

RESENHA CRÍTICA DA OBRA “CARTAS PORTUGUESAS”, DE SÓROR MARIANA ALCOFORADO



RECENSION CRITIQUE DES “LETTRES PORTUGAISES”, DE SOEUR MARIANA ALCOFORADO

Cícero Émerson do Nascimento CARDOSO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 05/04/2014 • APROVADO EM 27/10/2014

Résumé

Ce document est sur l'oeuvre *Lettres Portugaises*, de Mariana Soror Alcoforado. Cette oeuvre compose de cinq lettres qui ont été écrites à l'origine en Langue Française et ont été envoyées par un officier de l'armée française qui avait été en mission au Portugal. Nous proposons d'en faire un débat pour souligner/renforcer l'amour et partagé entre les deux.

Resumo

Este texto discorre sobre a obra *Cartas Portuguesas*, de Sórora Mariana Alcoforado. Esta obra corresponde a cinco cartas que foram escritas originalmente em Língua Francesa e direccionadas a um oficial do exército francês que estivera numa missão em Portugal. Faremos uma explanação dessas cartas com o objetivo de apontar o conteúdo amoroso presente nelas.

MOTS-CLÉS: Littérature Portugais. Épistolographie. Amour.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Portuguesa. Epistolografia. Amor.

Texto integral

As *Cartas Portuguesas* (*Lettres Portugaises*, título da publicação original que foi realizada na França) foram publicadas em 1669, causando curiosidade entre personalidades literárias que desconfiavam de que estas não teriam sido escritas pela religiosa Sórora Mariana Alcoforado – sua autoria foi comprovada apenas em 1810, pelo escritor francês Boissonade.

Mariana Alcoforado nasceu em Beja, Portugal, em 22 de abril de 1640. Entrou para o convento de Nossa Senhora da Conceição, da austera Ordem de Santa Clara, aos 12 anos, por imposição da família – que era detentora de prestígio em Portugal – e permaneceu na clausura até a morte, ocorrida em 28 de julho de 1723, tendo realizado as funções de vigária e escritã. Em 1663, conheceu o oficial do exército francês Noel Bouton de Chamilly, que estivera numa missão em Portugal por ocasião da Guerra da Restauração, e a ele teria direcionado suas correspondências amorosas por algum tempo.

A obra em discussão corresponde, portanto, a cinco cartas, escritas originalmente em Língua Francesa, enviadas a esse oficial do exército. Essas cartas discorrem sobre uma amante que devota palavras desesperadas de amor para seu amado. A linguagem evoca os conflitos típicos do indivíduo influenciado pelas concepções teocêntricas (resquícios do catolicismo medieval) perpetradas pelo Barroco, e pelas concepções humanistas (que, após suas conquistas, deram suporte ao Renascentismo e ao Classicismo).

Podemos considerar a obra *Cartas Portuguesas* como uma típica realização barroca se considerarmos que a autora era uma religiosa e que, provavelmente, se debatia em lancinantes conflitos em decorrência do dilema: abraçar a vida religiosa e vivenciar a castidade, ou abraçar a vida carnal e entregar-se sem hesitações aos ardores da paixão?

Desde a primeira carta percebemos o teor passional com que a autora trata a história de amor que vivencia: “Mil vezes ao dia dirijo para ti os meus suspiros” (ALCOFORADO, 2007, p. 16). Ainda nessa carta, a remetente lamenta que o seu amante instigara esperanças e ela, que tanto idealizara projetos em que se via sempre ao seu lado, naquele momento deleitava somente a solidão em decorrência da ausência deste.

Surgem aos arroubos, ainda na primeira carta: a passionalidade amorosa, a chantagem emocional que tentava ora consumir, ora exonerar de culpas o ser amado, a violência das palavras embebidas em hiperbolismos, paradoxos e sentimentalismos. A leitura dessa carta já nos apresenta a ideia de que a autora se percebe às vésperas de ser preterida, o que alimenta o seu ressentimento: a esta

não seria suportável ver arrefecida a chama do amor que, sob efeito de falsas promessas, o seu interlocutor por ela confessara.

Na segunda carta, não menos repleta de arroubos sentimentais, encontramos a seguinte lamentação de amor: “As minhas dores já não podem ter consolo e a lembrança das alegrias passadas enche-me de desespero” (ALCOFORADO, 2007, p. 24).

Chamam atenção, na terceira carta, a que ponto chega a violência com que a religiosa vivencia o amor: “Eu não sei nem o que sou, nem o que faço, nem o que desejo: encontro-me dilacerada por mil movimentos contrários. Poder-se-á imaginar estado tão deplorável?” (ALCOFORADO, 2007, p. 35).

Na penúltima carta, a autora inicia sua escrita colocando em destaque a angústia que sente por saber que o amado passou por uma tempestade que o fez aportar em Algarve, e aproveita para dizer: “Receio que tenhas sofrido muito no mar, e esta apreensão de tal modo ocupou o meu espírito que não pensei mais nos meus próprios males” (ALCOFORADO, 2007, p. 43).

Na última carta – certamente a mais pungente, emocionada e desiludida –, a autora, aludindo ao fato de que o destinatário havia lido suas cartas, mas não as correspondia com o mesmo arrebatamento e amor, decide dar fim às correspondências. O trecho mais crucial da carta parece-nos o seguinte: “Sofri os seus desprezos, e teria suportado o seu ódio e todo ciúme que poderia nascer em mim de uma ligação sua com outra mulher qualquer, mas, pelo menos, teria uma paixão para combater. É sua indiferença que não suporto” (ALCOFORADO, 2007, p. 61).

Em seguida, reforçando a indignação sentida ante a suposta indiferença do seu amado, ela afirma: “Os seus impertinentes protestos de amizade e as delicadezas ridículas da sua última carta mostraram-me que recebera todas as que lhe escrevi e que elas não provocavam no seu coração nenhuma emoção, apesar de as ter lido. Ingrato!” (ALCOFORADO, 2007, p. 61). Fica claro que, ao sentir-se preterida, ela se transtorna, no entanto ela expressa que preferiria viver enganada se, ao menos, pudesse viver a paixão ardente que a tornava viva: “Detesto a sua sinceridade! Acaso lhe tinha pedido que me dissesse sinceramente a verdade? Por que não me deixou a minha paixão? Tudo o que tinha a fazer era não me escrever: eu não procurava ser esclarecida” (ALCOFORADO, 2007, p. 62).

Já no final, a religiosa, preenchida de autocomiseração e despeito, decide atirar contra seu interlocutor palavras fortes com a intenção de causar nele alguma sensação de culpa: “Amei-o como louca! [...] O seu procedimento não é de um homem honesto. É preciso que experimentasse por mim uma autêntica aversão natural para não me ter amado perdidamente” (ALCOFORADO, 2007, p. 68).

Logo após, ainda furiosa, ela questiona as qualidades do amado com a intenção de atingi-lo em seu brio e atira sobre ele inúmeras falhas por ele cometidas: “Deixei-me seduzir por qualidades bem medíocres! Que fez, afinal, que me pudesse agradar? Que é que me sacrificou? Não procurou antes mil prazeres?” (ALCOFORADO, 2007, p. 68).

Podemos considerar essa obra como representante das inquietações típicas do Barroco, conforme apontáramos. Nela, percebemos claramente os jogos de oposição que dicotomizam o ser nesse período: corpo / alma; amor carnal / amor espiritual; mundanismo / espiritualismo; amor erótico / amor divinal.

Inseridas no rol das mais belas epístolas realizadas no mundo ocidental, essas cartas exprimem as vicissitudes do amor e aponta para: suas tramas perigosas, seus desencontros, seus possíveis preterimentos, suas ilusões e, mais frequentemente, suas desilusões. A obra de Mariana Alcoforado exprime essas mesmas condições arquetípicas do amor, e figura como uma das mais importantes pela beleza com que expõe as tumultuárias relações humanas.

Referências

ALCOFORADO, Mariana. **Cartas Portuguesas**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

Para citar este artigo

CARDOSO, Cícero Émerson do Nascimento. Resenha crítica da obra *Cartas Portuguesas*, de Sórora Mariana Alcoforado. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 1, p. 154-157, jan.-abr. 2014.

O autor

Cícero Émerson do Nascimento Cardoso nasceu em Juazeiro do Norte – CE. Graduou-se em Letras e especializou-se em “Língua Portuguesa e Literatura Brasileira e Africana de Língua Portuguesa”, pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Atualmente, atua como Professor Efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará – SEDUC – na EEFM Presidente Geisel de Juazeiro do Norte nas áreas de Língua Portuguesa e Artes. Além de Professor, atua como membro pesquisador do NETLLI – Núcleo de Pesquisa em Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Regional do Cariri –, é membro do Grupo Sétima de Estudos de Cinema do SESC de Juazeiro do Norte e é Mestrando em Literatura pelo “Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba” – UFPB. Com uma produção acadêmica que privilegia os conteúdos de Literatura, Filosofia e Educação, desenvolve ainda textos literários tendo publicado em 2011 seu primeiro livro de contos: “Breve estudo sobre corações endurecidos”. Participou também das antologias da I, II e III Mostra de Poesia Abril para Leitura do CCBNB – Cariri, com os poemas “Soneto de quem espera esperantemente”, em 2011; “Soneto que não é sobre nosso amor (ou as consequências dos amores revelados)”, em 2012; e “Elegia para Clarice Lispector”, em 2013. Publicou, ainda, em 2011, o folheto de cordel “A Beata Luzia vai à guerra” e, em 2012, “A artesã do chapéu – ou pequena biografia de Dona Maria Raquel”. Publicou, em 2014, o texto “Apólogo da mesa”, na Revista de Literatura e Artes Boca Escancarada.